
NOTAS DE ETNOGRAFIA ANGOLANA

NOROESTE DE ANGOLA

LUIZ SALDANHA

Museu Bocage — Faculdade de Ciências de Lisboa

GEOGRAPHICA

N.º 13

1968



NOROESTE DE ANGOLA

LUIZ SALDANHA

Museu Bocage — Faculdade de Ciências de Lisboa

HABITAÇÃO

Num número anterior de *Geographica*, publiquei as observações que tive a oportunidade de fazer sobre a fauna da região do Noroeste de Angola que se situa no triângulo Quinzau - Toto - Ambriz, região que, mais do que qualquer outra, percorri no desempenho das missões militares de que fui incumbido. Foi-me, porém, ainda possível colher quantidade apreciável de notas etnográficas tomadas nas sanzalas de Quinzau, Tomboco e Ambrizete e nas que ladeiam a estrada que liga esta última localidade com Ambriz. Publicando também as observações que então coligi, julgo que poderei, assim, ser útil aos apaixonados pela etnografia e mesmo a alguns etnógrafos que não conheçam directamente as populações indígenas com as quais contactei, caracterizadas por manifestações culturais em que, predominando um fundo de arcaicas tradições *sui generis*, se podem observar também curiosas notas da influência e adaptação de elementos da moderna civilização europeia (aculturação).

Os habitantes das sanzalas referidas pertencem ao agrupamento étnico dos Mussurongos.

Algumas dessas sanzalas tinham sido abandonadas em resultado da actividade terrorista de 1961, e nelas me foi apenas possível colher alguns objectos de uso doméstico deixados pela população e tomar notas sobre a disposição das habitações, sua construção, etc.

As povoações indígenas, as **sanzalas**, encontram-se junto das vias de comunicação (medida governamental), estando as habitações frequentemente dispostas num ou mais alinhamentos paralelos à estrada, com a frente virada para ela. Situam-se, geralmente, em locais arborizados, em que as árvores cresceram espontaneamente (como os embondeiros) ou foram plantadas (palmeiras, mangueiras, etc.), fornecendo boa sombra e grande número de produtos vegetais. Não se encontra nenhuma vedação a rodear toda a sanzala.

As habitações são de forma rectangular e podem ter uma única divisão, mais geralmente duas, ou ainda três se o proprietário é abastado. O telhado é de duas abas, que se prolongam para a frente e para trás da casa, formando uma espécie de alpendre que é sustido por estacas.

Nas sanzalas da região de Quinzau, as paredes das cubatas são feitas com colmos de papiros, unidos uns aos outros por meio de um fio que os atravessa. São sustidas por troncos e assentam sobre uma fiada de pedras ou de garrafas previamente enterradas no chão com o fundo virado para cima. Estas medidas destinam-se a impedir que os colmos apodreçam ou sejam atacados pelas térmitas.



Sanzala Tage (Tomboco).

Algumas cubatas apresentam a «fachada» principal ornamentada com desenhos geométricos pintados a diversas cores, com tintas compradas aos Brancos.

Em Mucula, Tomboco e Ambrizete ainda se encontram algumas habitações de construção idêntica às de Quinzau, mas predominam as paredes de adobe.

Antes de se começar a construir uma destas casas demarca-se a planta no terreno. Em seguida fazem-se no chão os orifícios onde se colocarão os prumos que aguentam a casa. Postos estes no seu lugar (nos quatro vértices do rectângulo que constitui a planta da casa; ao meio dos lados menores, para a sustentação da viga mestra do telhado; e sobre os lados maiores, para delimitação das portas), procede-se à colocação, entre os prumos, de duas fiadas paralelas e verticais de varas que vão formar, com outras fiadas horizontais, uma espécie de rede de largas malhas. As varas são unidas entre

si por lianas e o espaço deixado entre as fiadas é preenchido com adobe,

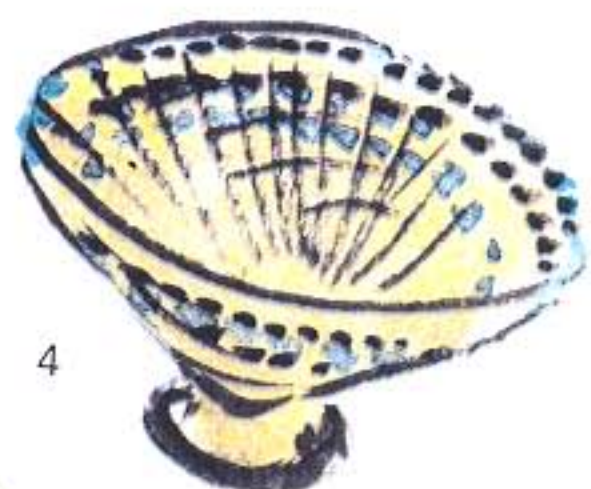
As paredes podem ser ou não rebocadas, tanto interior como exteriormente. Muitas vezes os construtores limitam-se a preencher com adobe o espaço entre as duas «redes», deixando à vista a armação de varas.

O telhado assenta sobre um vigamento de troncos finos e é geralmente de capim, ou então de telha nos centros populacionais mais em contacto com europeus, procedimento, aliás, só acessível aos indígenas mais abastados.

Para a colocação do telhado de capim procede-se da seguinte maneira: fazem-se pequenos molhos de capim seco, que se fixam à viga inferior; em seguida, para se obter maior resistência, fixa-se uma longa e comprida vara por cima de toda a fiada, de modo que o capim fique entalado entre ela e a viga; depois fazem-se as mesmas operações nas vigas seguintes, ficando as fiadas superiores de capim a cobrir grande parte das inferiores. No topo do telhado colocam-se os molhos dobrados, de maneira a



1



4



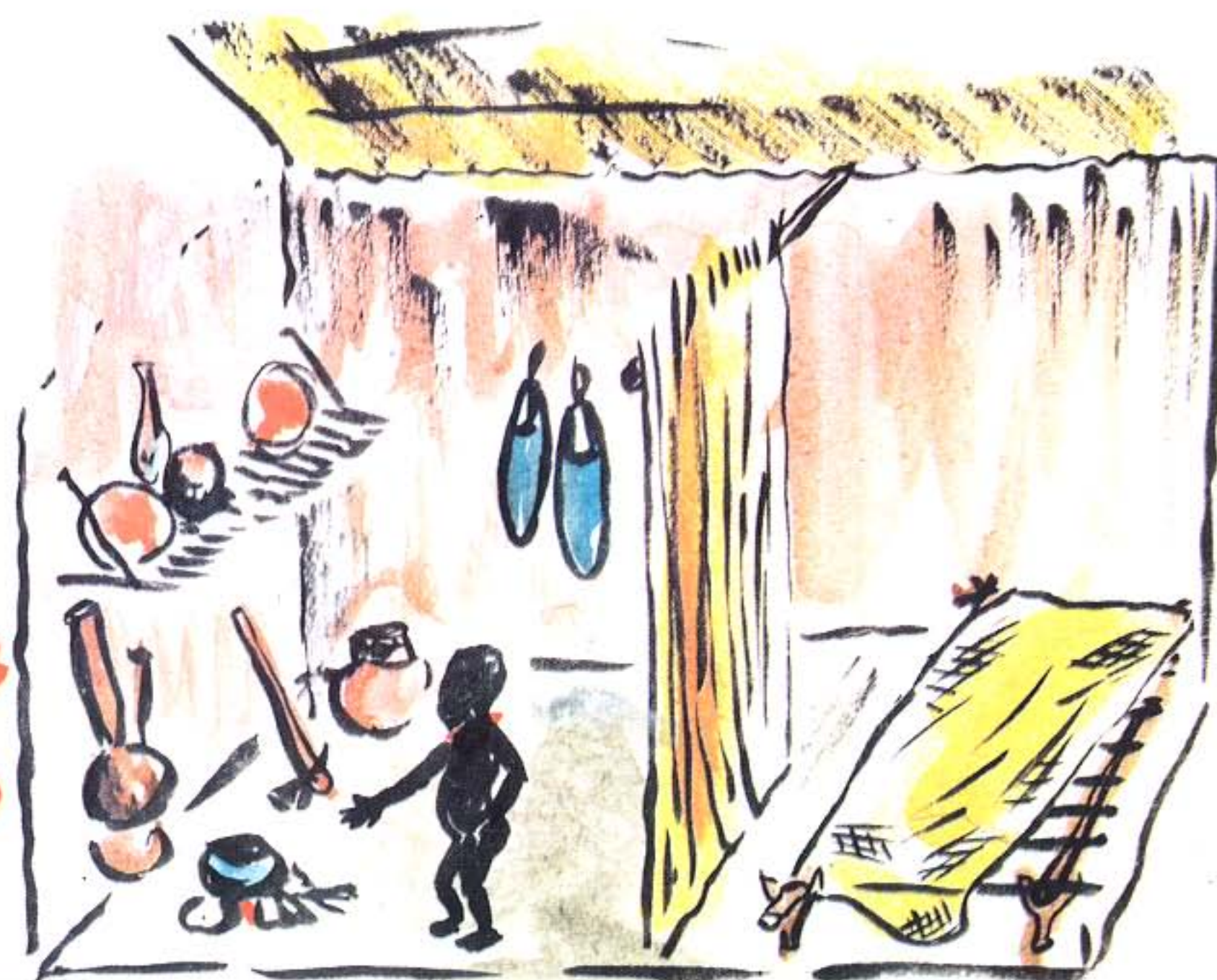
2



5

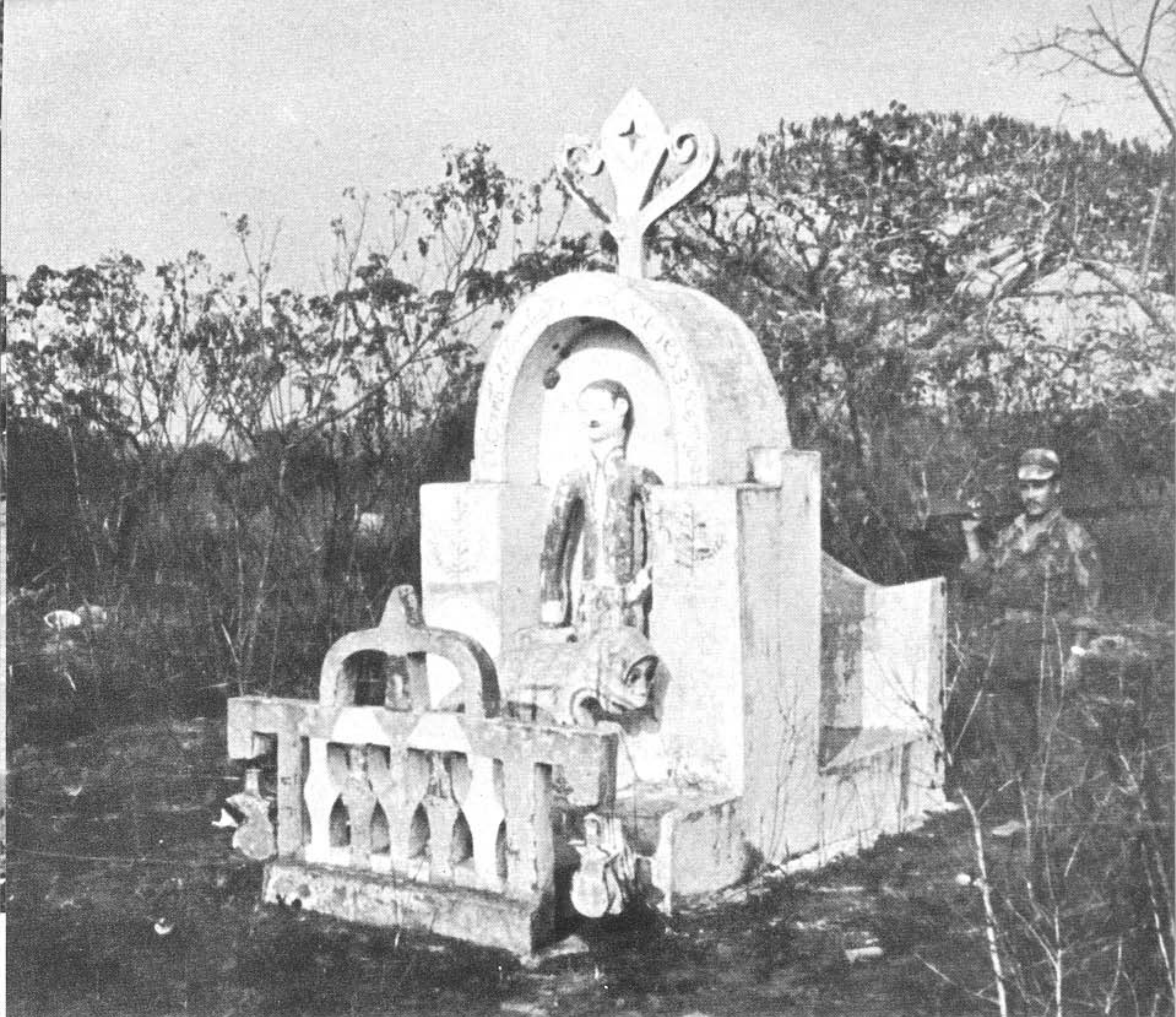


6



3

- 1 — Cubata, redil e galinheiro da região de Ambrizete.
 2 — Cubata de Quinzau.
 3 — Interior de uma cubata da região de Tomboco.
 4 — Cesta em forma de cone para farinha de mandioca.
 5 — Peneira para farinha de mandioca.
 6 — Mó manual.



Túmulo de Soba (imediações de Bessa Monteiro).

formarem um ângulo que cubra a última fiada de cada uma das abas. São fixados pelo mesmo sistema usado para os molhos que constituem as outras fiadas. Sobre esta primeira camada de capim coloca-se normalmente uma segunda, que aumentará a resistência do telhado.

Os materiais de origem vegetal empregados na construção de casas ou de instalações para animais são escolhidos entre aqueles que mais dificilmente são atacados pelas térmitas.

Os indígenas mais endinheirados constroem já casas com blocos de adobe. Depois de retirada a argila do solo, amassam-na com pedaços de capim, para lhe dar maior consistência, colocando esta pasta numa forma paralelepipedica, de madeira. Uma vez moldado o bloco, deixam-no secar ao sol. Cada bloco tem, aproximadamente,

as medidas de um dos nossos tijolos grandes. No solo é cavado um cabouco que pode ser preenchido com pedras e argamassa (de argila), sobre as quais assentarão as paredes de blocos, sendo estes unidos entre si com argila da mesma natureza da que os constitui.

O telhado destas habitações pode ser de telha, de zinco ou, paradoxalmente, de capim.

As casas têm uma ou mais janelas, mas, por vezes, têm a porta como única abertura.

Nas casas mais evoluídas, como aquelas que são construídas com blocos de adobe, as ombreiras das janelas e das portas apresentam formas semelhantes às das habitações dos europeus. As portas são em número de uma ou duas e, neste último caso, estão dispostas a meio de cada um dos lados maiores da casa.

As decorações parietais são raramente usadas. Encontramo-las apenas numa ou noutra habi-

tação cujo dono tenha dotes artísticos, como acontece com algumas casas de marfeneiros.

O curral para as ovelhas e cabras é circular e limitado por uma pequena cerca feita de ramos de espinheiras e de ráquis de palmeira-bordão, que lhe dão maior robustez. Os excrementos não são limpos: acumulam-se e acabam por constituir montículos, dos quais vi alguns com cerca de meio metro de altura.

Os galinheiros têm a forma de uma pequena cubata, colocada sobre estacas de cerca de 1,60 m de altura (para proteger os galináceos das incursões de depredadores); o acesso aos animais é dado por uma longa escada.

Encontramos, por vezes, dentro de vedações junto à casa, pequenas culturas de quintal, constituídas principalmente por bananeiras, mamoeiros, etc.

ALIMENTAÇÃO

A preparação dos alimentos efectua-se, geralmente, ao ar livre, mas, por vezes, cozinha-se no interior da habitação ou sob as abas do telhado, ou, ainda, numa pequena cubata anexa, situada nas traseiras.

Alguns indígenas fazem uma pequena vedação junto à casa, delimitando uma área que fica sua propriedade e onde se cozinha, se trabalha e se descansa.

O «fogão» é, geralmente, constituído por algumas pedras, entre as quais se faz o fogo e onde assentam os recipientes em que se preparam os alimentos. O pilão para a fuba (mandioca) e a mó manual de pedra para o jindungo (piripiri), são objectos imprescindíveis na cozinha.

A alimentação é à base de farinha de mandioca, o funge, que comem com peixe, mais raramente com carne, por terem dificuldade de a obter, ou, ainda, com um cozinhado a que chamam **moamba**. Comem também mandioca seca e assada, ou as suas folhas pisadas com moamba de amendoim. Bebem, entre outras bebidas indígenas, o malave, obtido a partir da fermentação da mandioca.

MOBILIÁRIO

O mobiliário da casa é estritamente funcional. Muitas cubatas, porém, encontram-se recheadas de mobília semelhante à europeia; noutras vêem-se elementos europeus e indígenas. As menos adulteradas por estas intrusões, que são as mais pobres, contêm apenas o que é indispen-

sável: uma tarimba (feita de troncos que assentam em estacas bifurcadas), sobre a qual estendem uma esteira, e uma prateleira, presa à parede, feita de pequenos troncos unidos entre si e onde se arrumam os utensílios de cozinha e vários outros, como sejam as panelas, as cabaças para água e bebidas alcoólicas, a catana, o sacho, etc. A um canto da cubata depara-se-nos a imprescindível bilha para a água.

CERÂMICA

A cerâmica utilizada pelos Mussurongos apresenta formas variadas, cada uma das quais corresponde a determinada finalidade. Assim, os grandes vasos esféricos ou **sangas** servem para o transporte e conservação da água; os campaniformes — há vasos que pela forma e decoração muito se assemelham aos pré-históricos europeus ⁽¹⁾ — e os semiesféricos, para a confecção

(1) Este assunto foi já tratado num artigo publicado em *Geographica*, em colaboração com o arqueólogo Dr. E. Serrão



Trajo feminino.

de alimentos; os **muringues**, que lembram uma cabaça, para a conservação da água, etc.

O fabrico dos vasos é bastante primitivo, visto não se utilizar o torno de oleiro.

A argila é retirada do solo em determinados locais onde os indígenas sabem que existe essa matéria-prima com a plasticidade conveniente.

O oleiro começa por amassar bem o barro e dá-lhe depois a forma de um cilindro, que coloca sobre uma pequena esteira quadrada, a qual gira sobre uma laje (é este o processo usado em Mucerra). Vai-lhe então dando a forma desejada, para o que se serve das mãos e de um instrumental rudimentaríssimo constituído por pequenas facas de bambu e por espátulas, redondas ou ovais, talhadas na casca do fruto do embondeiro. Um pequeno trapo molhado serve-lhe para dar alguns retoques.

Uma vez obtida a forma pretendida, procede à decoração — incisa ou impressa e geométrica —, que executa com uma espátula, na extremidade da qual está entalhado o desenho que se pretende.

Na região de Tomboco, os oleiros, que trabalham geralmente sentados no chão ou num pequeno banco, fazem rodar o barro sobre uma roda denteada, assente numa pele de antílope, para que deslize melhor, e que é movida com os pés ou com as mãos. Nesta região, a forma arredondada do fundo do vaso é dada logo de início, ao passo que na Mucerra o vaso conserva um «pedúnculo», que só é desfeito dois ou três dias depois, quando o barro começa a secar.

A cozedura é efectuada a céu aberto e da seguinte maneira: põem-se os vasos já secos sobre lenha e brasas, que também se colocam no seu interior para que vão aquecendo gradualmente. Cobre-se o conjunto dos vasos com lenha e pega-se-lhe fogo, tendo em atenção a direcção de onde sopra o vento. Uma vez que a lenha tenha ardido inteiramente, retiram-se os vasos do braseiro, com o auxílio de varas compridas, e aspergem-se com uma infusão de raiz de **uíge** (*Hydnora longicollis?*), operação que lhes dá uma cor anegrada.

ARTESANATO

Entre os Mussorongos encontram-se verdadeiros artistas, bem representados pelos marfiteiros, que não só trabalham o marfim, como o nome indica, mas também o pau-preto.

Esculpem, com ferramentas europeias, elegantes palancas e outros animais, aos quais dão

um movimento extraordinário, e não são menos hábeis na representação de cenas da vida quotidiana, de fábulas, de cenas de caça, etc., etc. Há uma curiosa lenda que nos conta como se começou a esculpir o pau-preto: a Nenkele Miankula, natural de Quifinda (Quinzau), foi-lhe revelado num sonho como havia de fazer os bonecos de pau-preto, e no dia seguinte, logo pela manhã, começou a talhá-los sem dificuldade alguma. Foi ele quem ensinou a arte a todos os outros: aos de Tomboco, aos de Ambrizete, aos do Muro e a todos os do Congo. Diz também a lenda que Nenkele ainda é vivo, mas muito velho.

Os bastões de soba, feitos de pau-preto — hoje em dia difíceis de encontrar —, são finamente trabalhados, constituindo obras de arte indígena dignas de apreço.

Em cestaria não se produzem trabalhos de elevado valor artístico; os elementos decorativos são bastante pobres e resumem-se a motivos geométricos feitos com algumas fibras tingidas de cores diversas (castanho-escuro, negro, azul, vermelho, etc.). As cores castanho-escuro e negra são obtidas a partir de uma infusão feita com pedaços de ferro que se oxidam. Os outros corantes são comprados aos europeus.

Os Mussorongos confeccionam ainda esteiras, sacos para os pescadores levarem para o mar, cestas de forma paralelepipedica e recipientes de forma cónica destinados a conter a farinha de mandioca, para cuja peneiração fabricam peneiras feitas de fibras vegetais que parecem garrafas.

A matéria-prima usada na cestaria é a mateba, que é a folha da matebeira (palmeira do género *Hyphaene*).

MÚSICA

Foi-me possível observar variados instrumentos musicais, uns que servem para tirar sons bastante melódicos, outros que produzem notas mais graves e que são mais propícios às batucadas. Entre os primeiros citarei o monocórdio, constituído por um fio metálico esticado sobre um arco de madeira. O som é ampliado por uma cabaça colocada numa das extremidades e que serve assim de caixa de ressonância. As «violas» são também bastante curiosas, constituídas por uma caixa de ressonância paralelepipedica, feita de madeira, à qual se encontram presos arcos de vime que esticam as cordas.

Na segunda categoria estão os recos-recos e os n'cocolo. Estes últimos são uma espécie de tambor que possui, no interior, presa à pele, uma haste vibratória, e cujo som lembra o resfolegar do hipopótamo.

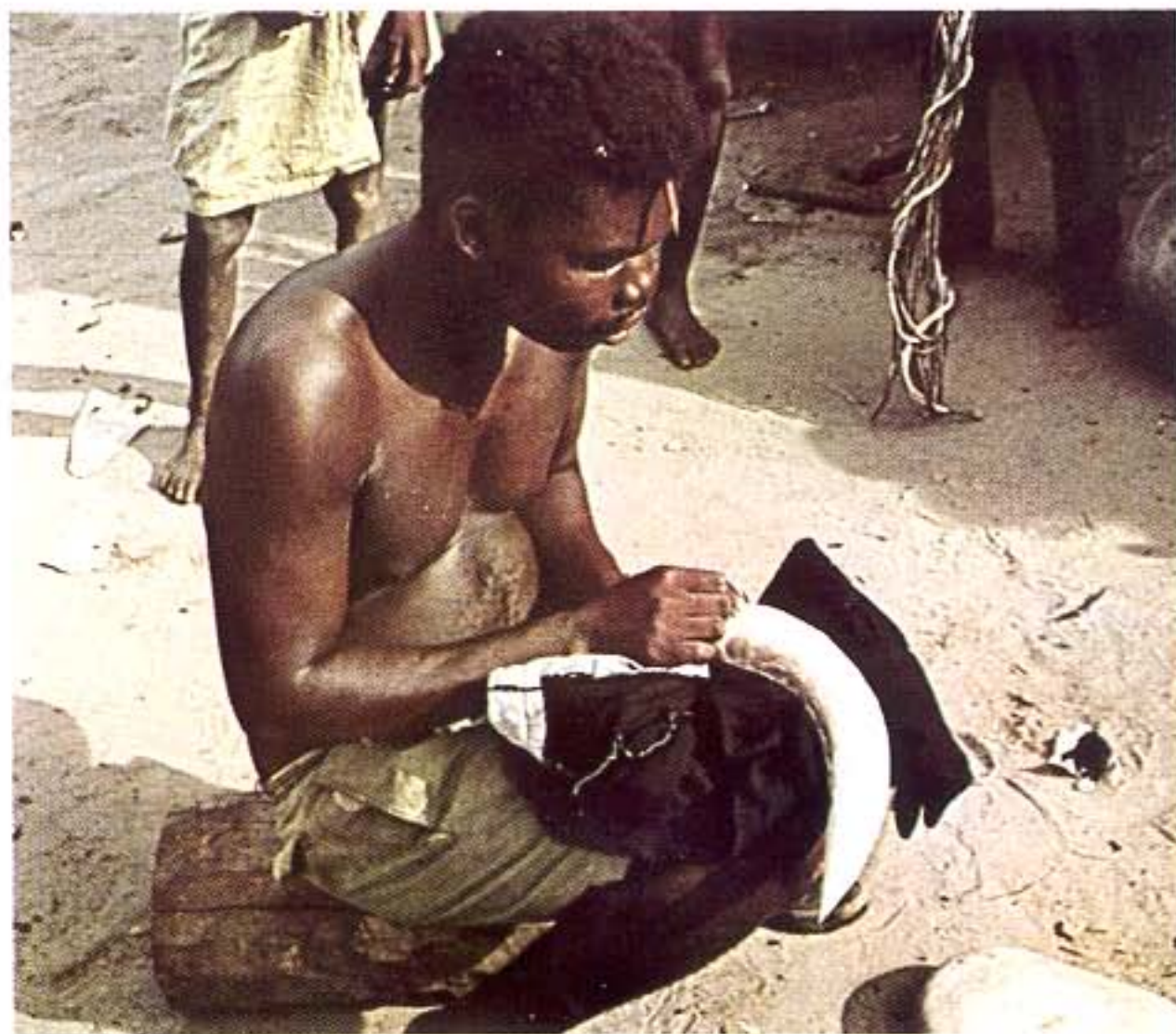
VESTUÁRIO E TATUAGENS

Hoje em dia quase todo o vestuário é de modelo europeu, ou nele inspirado. As raparigas novas vestem-se de modo semelhante às Brancas, mas as mulheres feitas, mais conservadoras, vestem-se com panos, um dos quais é usado em volta do tronco, passando por debaixo das axilas e descendo até aos pés. Os homens vestem como os Europeus, mas ainda se conserva o hábito, sobretudo entre os pescadores, de usarem um pano em volta da cintura, que desce até um pouco abaixo do joelho.

As mulheres usam vários adornos, como colares de missangas, pulseiras de grosso arame ou de marfim (mais raramente) e até de anilhas de

borracha, das que servem para vedar as tampas dos bidões de gasolina.

Dos penteados, muito curiosos, destacam-se as seguintes três principais modalidades (as designações entre aspas são minhas): o «ouriço»,



Marfineiro
Regresso do mar (Ambrizete)





Circuncisão

em que a cabeça se encontra eriçada de finas e compridas mechas de cabelo, enroladas com linha preta; uma derivante deste penteado, em que as mechas são abatidas e unidas dos dois lados da cabeça; e os «pompons», modalidade em que, em lugar das mechas, se usam pequenos tufo de cabelo.

Só observei tatuagens entre as mulheres, que as usam no peito, no ventre ou no baixo ventre. Umas, segundo me afirmaram, destinam-se apenas a «dar categoria», embora devam ter uma finalidade mais transcendente, como por exemplo para aumentar a fecundidade (quando feitas na barriga), ou com funções eróticas (quando feitas no baixo ventre). Com este último objectivo usam, também, à volta da cintura, largos cintos de missangas coloridas. As tatuagens são praticadas no início da puberdade e na época do cacimbo, mas as jovens actuais já não permitem que lhas façam. Estas tatuagens executam-se espetando uma agulha sob a pele e abrindo esta com uma faca. A ferida é, a seguir, curada com seiva de cajueiro.

CASAMENTO

Antigamente eram as famílias que faziam os casamentos, mas hoje em dia realizam-se por vontade dos rapazes e das raparigas.

Quando dois jovens pretendem casar-se, o pretendente escreve uma carta ao pai, outra à mãe e ainda outra à avó da pretendida, a pedir-lhes consentimento para a união. O pai pergunta então à rapariga se está disposta a casar com o pretendente e, se a resposta for afirmativa,

autoriza o noivo a vir falar com ele e a entregar-lhe o **alambamento**, que é uma indemnização feita à família da noiva, pela perda de uma unidade de trabalho.

O noivo bate palmas quando se encontra com o futuro sogro, que o autoriza a falar e lhe imita o gesto. O pretendente pronuncia o seu nome e diz que lhe deseja manter a filha, cujo nome menciona. Obtida a autorização, o noivo entrega-lhe o **alambamento**, que varia entre 1 400\$00 e 2 000\$00, conforme as suas posses (até pode ser menos) e um garrafão de vinho de 10 litros, para todos beberem (noivos, vizinhos, amigos, sogros, etc.). Do dinheiro entregue ao pai da noiva, a mãe desta terá a haver 450\$00 e o pai 500\$00; o resto é dividido pelos avós e tios. Se o noivo não tiver o dinheiro necessário para pagar ao pai da noiva, vai trabalhar até obter a soma necessária, e o mesmo sucede para o pagamento aos tios e avós. Se, mesmo assim, a soma não chegar, divide por todos o pecúnio que tiver, trabalhando em seguida para obter o resto.

O pai da rapariga oferece a louça, a mobília, um carneiro, etc., e leva tudo à casa que o rapaz preparou. Cada um dos noivos leva a sua roupa. Entre a entrega do **alambamento** e o casamento medeia o tempo necessário para todos os preparativos, o qual pode atingir um ano.

Depois de casados (por uma autoridade civil ou eclesiástica), os noivos vão para sua casa e esperam, dentro dela, até que a mesa do banquete esteja completamente posta. Assistem à festa todos os amigos da família (que hoje em dia até





- 1 — Instrumentos de oleiro: espátulas, facas e instrumentos de decoração.
- 2 — Decoração de vasos.
- 3 — Roda de oleiro, usada na região de Tomboco.
- 4 — Vários tipos de cerâmica.

recebem, por vezes, cartões de convite!). Comem-se bolos e a carne dos carneiros mortos expressamente para a festa, bebem-se bebidas alcoólicas, e o festim só termina quando chega a noite. Nessa altura vão os noivos deitar-se, acompanhados de uma tia da noiva (segundo informadores indígenas), a qual assiste às suas intimidades e testemunha, no dia seguinte, a virgindade da noiva.

Para os cônjuges, a vida normal de todos os dias começa logo na manhã seguinte. São, então, visitados pelos pais da noiva, que se vão despedir dela e a cada um dos quais dá o noivo 100\$00.

Os Mussorongos ainda praticam a poligamia, e um homem, depois de casado, pode tomar mais companheiras, pelas quais não paga **alambamento**. A primeira é a mulher legítima e as outras são «namoradas», segundo a expressão local.

Afirmaram-me que estas últimas já são «em segunda mão» e portanto os homens não têm que pagar alambamento: basta que combinem apenas com elas viverem em conjunto. As diversas mulheres de um mesmo homem (duas, três ou quatro), dão-se, normalmente, bem entre si, chegando a cuidar dos filhos umas das outras. Vivem, geralmente, em cubatas contíguas, que o marido visita regularmente.

Quando a mulher atinge o seu quarto mês de gravidez, deixa, quase sempre, de ter relações sexuais, mas há quem as prolongue até aos oito ou nove meses. Segundo crêem, têm de proceder assim para que o filho não nasça deformado.

Na altura do nascimento da criança, serve de parteira qualquer mulher que saiba proceder como tal, ou que seja experiente por já ter tido filhos. Normalmente, a mulher tem o filho ao ar livre, atrás da casa. Deram-me uma explicação singela deste procedimento: «é porque sai muito sangue e suja a casa».

O curativo do cordão umbilical, que é cortado com uma faca ou com uma lâmina de barba, é feito pela aplicação de uma planta esmagada, o **n'funfo**, cuja seiva é propícia a uma boa cicatrização. A aplicação é feita com um «penso» de folha de bananeira. O **n'funfo** é também utilizado no curativo de muitas feridas.

No dia seguinte ao nascimento, os pais vão agradecer aos que ajudaram ao parto, levando-lhe cervejas e gasosas. Mata-se uma galinha para a mãe.

O nome do filho era, antigamente, escolhido pela avó, outras vezes pela tia materna, mas hoje já são os pais que o escolhem.

Se nascem gémeos, os pais ficam contentes, e se um deles morre dizem que «foi tomar banho» e não que morreu. Tal como entre os Brancos, os gémeos usam roupa igual, e, antigamente, usavam amuletos de barro, embrulhados em zuarte e presos ao pulso. Se um deles morria, enterravam-no nas traseiras da casa e não no cemitério. Esta prática também já não se usa hoje.

Quando os cônjuges se dão mal, podem divorciar-se. Se foi o marido o culpado, o sogro não lhe restitui o **alambamento** mas fá-lo se a culpa recair sobre a esposa. Se se tratar de um caso de adultério e se o pai da adúltera não tiver o dinheiro necessário, o marido enganado pode exigir-lo ao sedutor, que lhe paga também uma multa, no valor de 500\$00 e um carneiro.

Quando a mulher não acata as ordens do marido, este escreve uma carta ao sogro (uma **mucanda**), dizendo-lhe que a filha é «malcriada» e que se vai separar dela. Se têm filhos, o marido nada tem a haver no caso de separação, revertendo todo o dinheiro do **alambamento**, posto pelo avô, a favor deles. Os avós maternos terão de manter os filhos do casal separado.

As heranças fazem-se, actualmente, de pais para filhos. Normalmente, quando um homem morre, metade dos seus bens é para os filhos e a outra metade para a mulher, mas pode haver testamento verbal.

CERIMÓNIAS DE INICIAÇÃO

Não há nenhuma cerimónia especial de iniciação na altura em que as raparigas atingem a puberdade, mas já o mesmo não sucede com os rapazes, pois os Mussurongos ainda praticam a circuncisão.

A cerimónia realiza-se na época do cacimbo, no mês de Julho — para que «haja tempo de cicatrização» —, pois em tal época não há chuva que perturbe as cerimónias, nem calor e humidade propícios a infecções.

Todos os anos os pais dos rapazes a operar (os que tenham cerca de 13 anos) combinam com o operador da aldeia o dia em que se realizará a circuncisão e dão-lhe como pagamento ou um galo, ou uma galinha e 20\$00.

No local da cerimónia constrói-se uma cerca de forma rectangular, com duas divisões comunicando entre si e com um corredor à volta, para



«Forno» de oleiro.

ocultar os iniciados do olhar das mulheres e dos intrusos. No chão da divisão que comunica com o corredor faz-se um orifício, destinado a receber os dejectos dos cortes e dos curativos.

Nenhuma mulher deve assistir à operação, pois pode alguma estar menstruada e, então, segundo crêem, a hemorragia originada pelo corte não pararia. O mesmo aconteceria se assistisse à operação um homem que tivesse tido relações sexuais na noite anterior.

Os rapazes são introduzidos um a um na cerca. Depois de percorrerem o corredor e logo que chegam à primeira divisão fazem-nos sentar no chão, virados para o operador e de pernas abertas, ficando com os braços presos por um ajudante. Também são, por vezes, deitados entre as pernas do operador, que actua curvado. O prepúcio é então puxado e cortado com uma lâmina de barba, ou com uma faca.

Logo a seguir ao corte é colocada no pénis uma haste de caniço, fendida na extremidade,

por forma a apertar a região logo abaixo da base da glândula, de modo que a pele cortada não a cubra. Em seguida a ferida é lavada com água quente e o pénis envolvido num pedaço de folha tenra de bananeira, atado com capim. A ferida é, mais tarde, tratada com mercuriocromo, permanganato, etc., nas regiões mais em contacto com os europeus.

Os pacientes permanecem todo o resto do dia no recinto da operação, na divisória contígua àquela onde foram operados, e voltam à noite para casa, furtando-se aos olhares das mulheres. Este regime dura cerca de um mês, o tempo que leva a fazer a cicatrização, e o curativo é feito duas vezes por dia, de manhã e à tarde. Os circuncisos, porém, não permanecem sempre no recinto da circuncisão, pois vão, sob a direcção de um ajudante do operador, o que faz o curativo, fazer armadilhas, ratoeiras, para capturarem animais para o seu sustento, e roubar galinhas (com o que os donos destas não se importam). Têm de cumprir todas as ordens do operador, pois é ele que os ensina a ser homens e a vencer

as dificuldades de sobrevivência que se lhes vão deparando.

Antigamente pintavam o corpo dos circuncisos, desenhando cruzes, imitando a roupa, etc.

CERIMÓNIAS FÚNEBRES

Quando alguém morre, o corpo é lavado, vestido com roupa nova e fazem-lhe «uma boa cama». As mulheres começam então a chorar e reúne-se toda a gente do povo para velar o cadáver (é esta cerimónia que constitui o «óbito», como vulgarmente se diz na região). Cada pessoa dá 10\$00 à família do morto, para comprar a madeira para o caixão, e com o que sobra compram açúcar, petróleo e vinho. Bebem este para «divertir o sono». É o homem mais velho da família quem recebe o dinheiro. Homens e mulheres ficam separados durante o «óbito», e estas abanam lenços, de modo a evitar que as moscas poisem no cadáver («para não cagar o cadáver» — sic!), e vão entoando cânticos. Os homens não o fazem «porque não têm boa voz». O morto é enterrado cerca de 24 horas depois de morrer. Os amigos fazem-lhe o caixão, que, tanto interior como exteriormente, é forrado com panos, cuja qualidade depende das posses da família do morto. O caixão é levado até ao cemitério por quatro homens. Se existir no povoado um catequista, este «faz uma missa» ou seja: encomenda o morto. Se se trata de uma feiticeira falecida, o seu espírito poderá sair do corpo e vir de noite atormentar os vivos. Para que isso não aconteça, os acompanhantes do enterro ajoelham e rezam, «dizendo para ficar bem lá dentro do chão», e espetam à cabeceira e aos pés da campa uma estaca de embondeiro.

As viúvas vestem-se de panos pretos durante seis meses, passados os quais os trocam por panos brancos com riscas pretas, que usam durante mais seis meses. Se o morto foi o pai ou a mãe, a filha põe panos pretos durante seis meses e depois, durante outros seis, usa panos com pintas pretas.

Cada povoado possui o seu cemitério, que geralmente se encontra afastado cerca de 300 ou 500 metros. Têm, por vezes, uma vedação à volta e as campas e monumentos funerários estão frequentemente alinhados.

As campas podem ser constituídas por um simples monte de terra, geralmente com um pau de embondeiro à cabeceira e outro aos pés, como já referi — pois também receiam que a alma

de qualquer morto venha atormentar os vivos —, ou então com ferros.

Pode também ser coberta de pedras ou então (em Ambrizete) ter à cabeceira uma estela funerária de xisto, com cenas em baixo relevo — representações de Cristo, figuras femininas, etc. —, algumas das quais são autênticas obras de arte e de que existe uma magnífica colecção em Luanda, no Museu de Angola. Tive ainda ocasião de ver *in situ* três dessas estelas, mas encontravam-se já bastante danificadas. Hoje em dia já não se fabricam nem se colocam e atribui-se às que existem uma grande antiguidade.

É vulgar encontrarmos sobre a campa as bacias de esmalte do morto, que, segundo me afirmaram, servem para reconhecer a campa.

Os túmulos são, geralmente, feitos à semelhança dos dos Brancos, mas por vezes imitam, que eu visse, a forma de um camião ou de um avião. Os mais monumentais são os dos sobas (na região de Bessa Monteiro), onde as suas figuras se acham representadas em baixo relevo e pintadas a cores. O resto do túmulo é normalmente caiado.

AGRICULTURA. CAÇA. PESCA

Os trabalhos agrícolas são executados pelas mulheres, que neles ocupam a parte da manhã, cultivando principalmente a mandioca e o milho.

Os homens dedicam-se à caça e à pesca. A caça, porém, devido aos acontecimentos de 1961, está limitada a aves e a pequenos mamíferos, especialmente roedores, que são capturados com o auxílio de armadilhas, de redes e de cães e é geralmente praticada pelos rapazes.

Nesta região a pesca assume grande importância.

Ao longo de toda a costa encontramos aldeias de pescadores, que saem para o mar nas suas frágeis pirogas construídas com dois troncos de árvores, escavados e unidos por laçadas de mateba. Têm lotação para três homens e são impulsionadas por meio de pagaías, de extremidade curva. Também aproveitam a força do vento para o que instalam nelas uma grande vela triangular.

Também há embarcações, as «chatas», construídas à maneira europeia e que, pela sua forma, lembram os dóris. Têm capacidade para seis homens. Estão também munidas de uma vela latina, cuja verga é, geralmente, um longo bambu. A vela, confeccionada com sacas de farinha e



panos variados, é ligada com pedaços de mateba a essa verga e esta é fixada à proa do barco por meio de uma corda.

Para tirarem a água das embarcações usam «pás», feitas de casca do fruto do embondeiro.

Os pescadores passam metade do dia no mar e cozinham a bordo os seus alimentos. Para isso levam um tampo de bidão de gasolina revirado na borda, cheio de areia e sobre o qual colocam brasas. Em cima delas põem a panela onde cozinham os alimentos.

A alimentação por cozinhar é levada em alcofas de mateba, de forma rectangular, ou em cestos circulares.

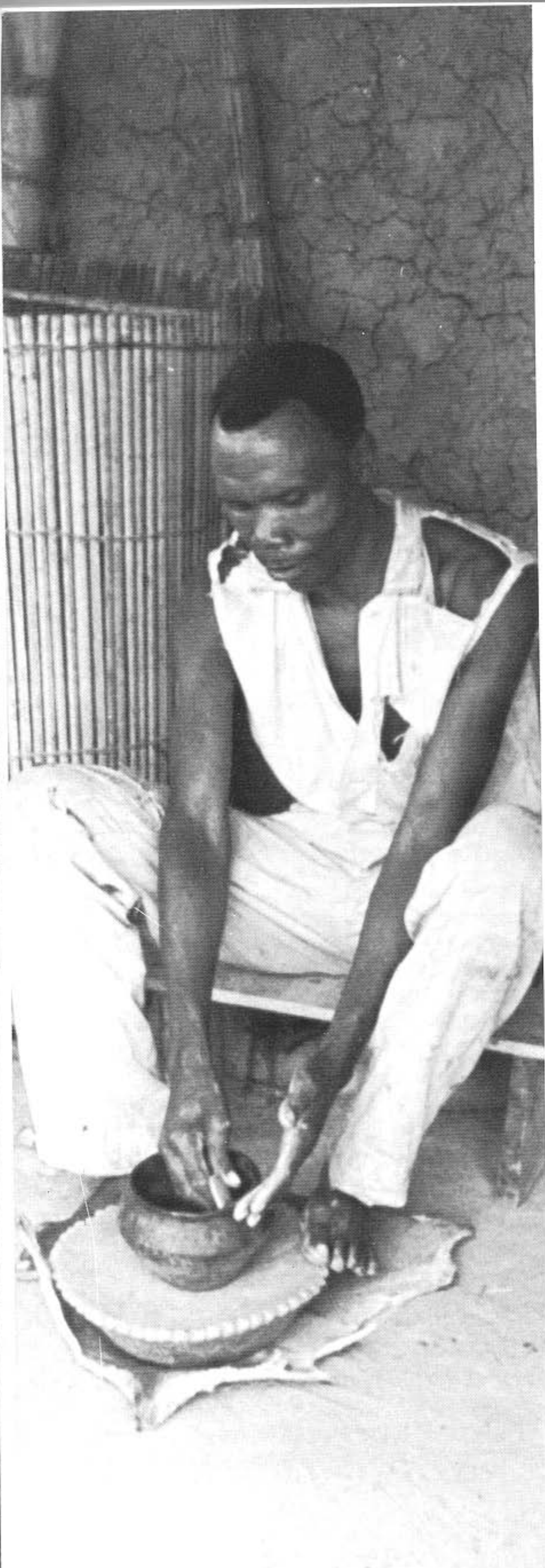
Nos aparelhos de pesca utilizam actualmente o fio de nylon, com chumbada feita de aros de barrica, dobrados e batidos. Usam anzóis comprados aos europeus. Pescam também com tarrafas — redes circulares — e com fiskas de madeira, formadas por uma longa haste, na extremidade da qual se encontram fixas numerosas pontas afiadas. Tanto umas como outras são lançadas sobre os cardumes.

Pescadores na lagoa (Ambrizete).

Quando pescam algum peixe de maiores dimensões, como um tubarão, por exemplo, os pescadores acabam com ele à pancada, assim que o põem a bordo, para o que utilizam um casse-tête de madeira rija.

Na foz do M'Bridge os indígenas utilizam, para pescar, um longo fio de nylon, que tem na extremidade uma amostra com anzóis, semelhante às dos pescadores desportivos e que lançam à maneira de um laço. Conseguem capturar, com este simples aparelho, peixes de pesos consideráveis e de grandes dimensões.

Também pescam com arpão, de cima das canoas, os peixes que lhes vão saltando à frente. O arpão propriamente dito é de fabrico europeu, ou é feito de barra de ferro, direita ou dobrada em U, na ponta da qual se faz uma barbeta afiada. O ferro é colocado na extremidade de um comprido cabo de madeira e fica preso à canoa por uma corda. Uma vez fispado um peixe, o arpão solta-se do cabo e fica preso à embarcação.



Tanto as canoas de dois troncos, dióxilas, utilizadas no mar, como as monóxilas, utilizadas nas lagoas e rios, são obtidas escavando um grosso tronco, geralmente de mafumeira, árvore de grande porte que cresce junto aos rios.

Nos rios também se usam redes de emalhar, que são esticadas a meia água, ficando presas por uma corda a um tronco da margem.

Nas lagoas de água salobra, que ficam junto à praia e à foz do M'Bridge, os pescadores metem-se nelas até à cintura e pescam com tarrafa.

Nas lagoas de água doce pescam-se camarões e peixes, estes últimos por meio de tarrafas, que os indígenas lançam de cima das suas canoas. Para a captura dos camarões usam covos feitos de caniço, que colocam no fundo e prendem a uma vara que emerge à superfície.

Para a captura de peixes, nos cursos de água, fazem barragens de caniço, deixando aberturas onde colocam covos.

Tive também ocasião de presenciar uma pescaria, num charco de pequenas dimensões, onde os indígenas cercaram o peixe e depois o apanharam à mão!

As notas que acabo de apresentar não resultam de uma colheita exaustiva, nem são exclusivamente fruto de observações directas, pois, para completar alguns aspectos, tive de recorrer a informações que me foram prestadas pelos indígenas.

Outra observação ainda: uma vez que a antropologia cultural não é a minha especialidade, como já aludi, limitei-me a reproduzir o que vi e ouvi, sem entrar em comentários, comparações e generalizações, por um mínimo de prudência de acordo com a probidade científica.

Possa o leitor ter ficado a fazer uma ideia de alguns dos costumes mais salientes e correntes dos Mussurongos, esse povo que habita a região do Noroeste de Angola, referida no início deste artigo, que percorri em condições (serviço militar) que estão longe da qualificação que mais conviria para o efeito — missão científica. Se, no entanto, o consegui, divulgando pormenores etnográficos de algum interesse pouco acessíveis aos metropolitanos, darei por bem empregados o tempo despendido e os riscos corridos para os colher.



resume

ASPECTS ETNOGRAPHIQUES — Nord-ouest de l'Angola

L'auteur décrit quelques coutumes des Mussurongos qui habitent le Nord-Ouest de l'Angola.

Les cases sont rectangulaires et ses murs sont faits d'argile ou d'herbe sèche. Celle-ci constitue, généralement, la matière dont est fait le toit. Les cases peuvent avoir une, deux ou trois pièces. Le mobilier le plus primitif n'est constitué que par un «lit», fait de troncs minces et couvert d'une natte. Au mur est suspendu un rayon, fait de petits troncs où se trouvent les affaires fonctionnelles.

La poterie est faite à la main, sans roué, et elle est cuite à l'air libre. Quelques vases ressemblent, par leur forme et leur décoration, aux campaniformes pré-historiques européens.

Les Mussurongos sculptent l'ivoire et le bois. Ils font aussi de la vannerie.

Actuellement ils s'habillent à l'européenne, ou avec des morceaux de tissus de diverses couleurs (surtout les femmes).

Les coiffures féminines sont intéressantes, surtout celle que nous avons appelé «oursin», qui consiste en de petites et fines tresses dressées sur la tête, comme des piquants d'oursin.

Les tatouages sont encore pratiqués chez les femmes, mais cela tient à disparaître. Ils peuvent avoir, entre autres, une finalité érotique (pratiqués sur le bas ventre), décorative (les motifs ont généralement une signification spéciale), d'augmenter la fécondité de celle qui les porte sur le ventre, etc.

Les mariages sont précédés d'un dot (l'*alam-bamento*) versé par le fiancé à la famille de la fille. Le divorce existe. Les Mussurongos sont polygames, mais ils ne versent de dot qu'à la famille de leur première femme.

Il n'existe pas d'initiation pour les filles, mais il existe toujours la circoncision, à laquelle ne peuvent pas assister les femmes.

Les tombeaux des chefs sont construits en ciment et leur architecture est inspirée de l'européenne. Le chef y est généralement représenté en bas relief. Les cimetières se trouvent à 300 ou 500 mètres des villages. Les gens ont l'habitude de mettre sur la tombe la cuve qui appartenait au mort.

Les Mussurongos pratiquent la pêche en mer, en rivière et dans les lagunes. Ils s'en vont en mer sur des pirogues construites avec deux troncs d'arbre creusés et unis. Ils pêchent au harpon, au filet et au hameçon. Dans les rivières et les lagunes ils se déplacent sur des pirogues faites d'un tronc d'arbre et ils pêchent avec un filet circulaire, qu'ils lancent sur les poissons.

